



Arquivo

Agora, preocupação de Dornelles é o acerto com o FMI

Freitas saiu do BC por divergir de Dornelles

Fonte ligada ao Palácio do Planalto informou ontem que, apesar das alegações das áreas econômicas do governo, a saída de Sérgio Silva de Freitas da diretoria da área externa do Banco Central pouco tem a ver com o discurso — em que ele defendeu a renegociação política da dívida externa dos países menos desenvolvidos — proferido há um mês, em Viena.

De acordo com a fonte, Sérgio de Freitas teria sido demitido por divergir frontalmente da linha defendida pelo ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, quanto à condução da próxima etapa de renegociação dos débitos externos do País. Dornelles pretende, segundo o informante, dar continuidade ao esquema esboçado pelo governo anterior, no sentido de aceitar o programa preconcebido pelos credores, nos moldes da renegociação aceita pelo México. E Sérgio de Freitas não teria concordado, por achar que esse modelo não atende aos interesses do País.

Por outro lado, Sérgio de Freitas não teria aceito também uma decisão do presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, no sentido de atender às necessidades de caixa de um banco brasileiro no Exterior, sem consultá-lo antes acerca do assunto — pertinente à sua área.

DORNELLES

Segundo fontes da Fazenda, o ministro Francisco Dornelles pediu o afastamento do diretor da área externa do Banco Central, Sérgio de Freitas, para definir a sua condição de principal formulador da política de renegociação da dívida, estabelecer que o presidente do BC, Antonio Carlos Lemgruber, será apenas o negociador brasileiro das diretrizes estabelecidas por ele, Dornelles, e o novo diretor do BC, Carlos Eduardo

de Freitas, assumirá o papel de simples ajudante-de-ordens de Lemgruber.

Dornelles saiu vitorioso no round externo da disputa pelo comando da economia, mas ainda é cedo para comemorar. Afinal, sem ministério ou presidência de órgãos de relevo na área econômica, o PFL deverá reagir ao expurgo do seu principal representante no setor, o diretor da área externa do BC, ainda mais pelos vínculos pessoais de Sérgio de Freitas com o chanceler Olavo Setúbal, um dos ilustres da Frente Liberal.

Depois do próprio Sérgio de Freitas e de Setúbal, Lemgruber surgiu como o grande perdedor no episódio da primeira demissão da Nova República. Na quinta-feira, o presidente do Banco Central teve a ingrata incumbência de comunicar ao seu diretor da Área Externa, de reconhecida competência técnica como ex-vice-presidente da área internacional do Banco Itaú, o seu afastamento do BC.

Para maior constrangimento, Lemgruber teve de declinar, na sexta-feira, do convite do Forex Club para almoço com representantes dos bancos estrangeiros no Brasil e tratar justamente da demissão de Sérgio de Freitas, com Dornelles. Pior ainda: a indicação do novo diretor da área externa do BC refletiu decisão pessoal do ministro da Fazenda, sem qualquer interferência de Lemgruber.

A surpresa da demissão de Sérgio de Freitas só foi superada pela indicação do chefe do departamento de operações internacionais do próprio BC, Carlos Eduardo de Freitas, para novo diretor. Pessoa de trato difícil, conforme revelam funcionários do BC, quem não teme odeia Carlos Eduardo de Freitas, dentro do banco.

Carlos Eduardo de Freitas subiu nos quadros do Banco Central, mais em consequência da evasão dos técnicos mais qualificados, depois da posse de José Carlos Madeira Serrano na diretoria da área externa, em 1979.

Com a fuga da equipe do ex-diretor Fernão Bracher, atual vice-presidente do Bradesco, Carlos Eduardo de Freitas passou a ser homem de confiança de Madeira Serrano, um dos condutores das fases 1 e 2 da renegociação da dívida externa, tão duramente criticada por Sérgio de Freitas, a ponto de provocar a sua demissão, a pedido de Dornelles.

Além dos problemas políticos, o presidente do BC terá, nos próximos dias, dificuldades práticas e operacionais a enfrentar, agravadas pela queima confirmada das reservas cambiais de US\$ 1,47 bilhão, somente em janeiro. Em decorrência desses fatos, o FMI não marcou a data do envio de sua missão técnica para reiniciar as conversações para a montagem da Oitava Carta de Intenções do Brasil ao Fundo.



Arquivo

Sérgio Silva de Freitas